

A continuação do aclamado A AMIGA GENIAL

ELENA FERRANTE HISTÓRIA DE QUEM FOGE E DE QUEM FICA

série napolitana
TERCEIRO ROMANCE



BIBLIOTECA AZUL

capa com desenhos autorais

LISTA DOS PERSONAGENS

A família Cerullo (família do sapateiro):

Fernando Cerullo, sapateiro, pai de Lila. Interrompeu os estudos da filha após a escola fundamental.

Nunzia Cerullo, mãe de Lila. Embora apoie a filha, não tem suficiente autoridade para defendê-la contra o pai.

Raffaella Cerullo, chamada de Lina ou Lila. Nasceu em agosto de 1944. Tem 66 anos quando desaparece de Nápoles sem deixar vestígios. Aluna brilhante, escreve aos dez anos uma novela intitulada *A fada azul*. Abandona a escola após completar o ensino fundamental e aprende o ofício de sapateiro. Casa-se muito jovem com Stefano Carracci e administra com sucesso a charcutaria do bairro novo e, depois, a loja de sapatos na piazza dei Martiri. Durante umas férias em Ischia, se apaixona por Nino Sarratore, por quem abandona o marido. Depois do naufrágio da convivência com Nino e do nascimento do filho Gennaro, Lila abandona definitivamente Stefano quando descobre que ele espera um filho de Ada Cappuccio. Transfere-se com Enzo Scanno para San Giovanni a Teduccio e começa a trabalhar na fábrica de embutidos de Bruno Soccavo.

Rino Cerullo, irmão mais velho de Lila, também sapateiro. Com o pai, Fernando, e graças a Lila e ao dinheiro de Stefano Carracci, abre a fábrica de calçados Cerullo. Casa-se com a irmã de Stefano, Pinuccia Carracci, com quem tem o filho Fernando, chamado Dino. O primeiro filho de Lila tem o nome dele, Rino.

Outros filhos.

A família Greco (família do contínuo):

Elena Greco, chamada de *Lenuccia* ou *Lenù*. Nascida em agosto de 1944, é a autora da longa história que estamos lendo. Elena começa a escrevê-la no momento em que recebe a notícia de que sua amiga de infância, Lina Cerullo, chamada de Lila apenas por ela, desapareceu. Depois da escola fundamental, Elena continua a estudar com êxito crescente. No liceu, sua competência e a proteção da professora Galiani lhe permitem superar incólume uma desavença com o professor de religião sobre o papel do Espírito Santo. A convite de Nino Sarratore, por quem cultivava uma paixão secreta desde a primeira infância, e com a preciosa ajuda de Lila, escreve um artigo sobre essa desavença, mas o texto não é publicado pela revista em que Nino colabora. Os brilhantes estudos de Elena são coroados com o diploma na Escola Normal de Pisa, onde conhece e fica noiva de Pietro Airola, e com a publicação de um romance em que reelabora a vida do bairro e as experiências da adolescência vividas em Ischia.

Peppe, Gianni e Elisa, irmãos mais novos de Elena.

O *pai* trabalha como contínuo na prefeitura.

A *mãe*, dona de casa. Seu andar manco perturba Elena.

A família Carracci (família de dom Achille):

Dom Achille Carracci, o ogro das fábulas, contrabandista e agiota. Foi assassinado.

Maria Carracci, mulher de dom Achille, mãe de Stefano, Pinuccia e Alfonso. Trabalha na charcutaria da família.

Stefano Carracci, filho do falecido dom Achille, marido de Lila. Administra os bens acumulados pelo pai e com o tempo se torna um comerciante de sucesso, graças às duas charcutarias bem instaladas e à loja de sapatos na piazza dei Martiri, que abre em sociedade com os irmãos Solara. Insatisfeito com o tempestuoso casamento com Lila, começa um relacionamento com Ada Cappuccio, com quem passa a conviver depois que ela fica grávida, e Lila se muda para San Giovanni a Teduccio.

Pinuccia, filha de dom Achille. Trabalha de início na charcutaria da

família e, depois, na loja de calçados. Casa-se com o irmão de Lila, Rino, e com ele tem um filho, Ferdinando, chamado de Dino.

Alfonso, filho de dom Achille. É colega de escola e divide o mesmo banco com Elena. É noivo de Marisa Sarratore e se torna o gerente da loja de sapatos da piazza dei Martiri.

A família Peluso (família do marceneiro):

Alfredo Peluso, marceneiro. Comunista. Acusado de ter assassinado dom Achille, foi condenado e encarcerado na prisão, onde acaba morrendo.

Giuseppina Peluso, mulher de Alfredo. Operária da fábrica de tabaco, dedica-se aos filhos e ao marido preso. Com a morte dele, se suicida.

Pasquale Peluso, filho mais velho de Alfredo e Giuseppina, pedreiro, militante comunista. Foi o primeiro a perceber a beleza de Lila e a declarar-lhe seu amor. Detesta os Solara. Foi namorado de Ada Cappuccio.

Carmela Peluso, prefere ser chamada de *Carmen*. Irmã de Pasquale, era vendedora em um armário até ser contratada por Lila na nova charcutaria de Stefano. Por muito tempo foi noiva de Enzo Scanno, mas ele a abandona sem dar explicações após o serviço militar. Mais tarde fica noiva do frentista do estradão.

Outros filhos.

A família Cappuccio (família da viúva louca):

Melina, parente de Nunzia Cerullo, viúva. Lava as escadas dos prédios do bairro velho. Foi amante de Donato Sarratore, o pai de Nino. Os Sarratore deixaram o bairro justamente por causa dessa relação, e Melina quase enlouqueceu.

O *marido* de Melina descarregava caixas no mercado de hortifrúti e morreu em circunstâncias obscuras.

Ada Cappuccio, filha de Melina. Desde menina ajudava a mãe a lavar as escadas. Graças a Lila, é contratada como vendedora na charcutaria do bairro velho. Por muito tempo namorada de Pasquale Peluso, torna-se amante de Stefano Carracci: quando engravida, vai viver com ele. De sua relação nasce uma menina,

Maria.

Antonio Cappuccio, irmão dela, mecânico. Foi namorado de Elena e tem muitos ciúmes de Nino Sarratore. A possibilidade de prestar o serviço militar o preocupa muito, mas, quando Elena recorre aos irmãos Solara para tentar ajudá-lo, ele fica profundamente humilhado, a ponto de romper relações com Elena. Durante o serviço militar sucumbe a um grave esgotamento nervoso e é dispensado antecipadamente. Voltando ao bairro, pressionado pela miséria, põe-se a serviço de Michele Solara, que a certa altura o envia à Alemanha para uma longa e misteriosa missão.

Outros filhos.

A família Sarratore (família do ferroviário-poeta):

Donato Sarratore, ferroviário, poeta, jornalista. Grande mulherengo, foi amante de Melina Cappuccio. Quando Elena vai passar férias em Ischia e se hospeda na mesma casa onde os Sarratore passam a temporada de verão, é forçada a deixar a ilha às pressas para escapar ao assédio sexual de Donato. No entanto, no verão seguinte, Elena se entrega a ele na praia, movida pelo sofrimento diante da relação entre Nino e Lila. Para exorcizar essa experiência degradante, Elena escreve sobre ela no livro que depois será publicado.

Lidia Sarratore, mulher de Donato.

Nino Sarratore, o mais velho dos cinco filhos de Donato e Lidia. Odeia o pai. É um aluno brilhante e mantém uma longa relação clandestina com Lila. Quando ela engravida, os dois convivem por um brevíssimo período.

Marisa Sarratore, irmã de Nino. É noiva de Alfonso Carracci.

Pino, Clelia e Ciro Sarratore, os filhos mais novos de Donato e Lidia.

A família Scanno (família do verdureiro):

Nicola Scanno, verdureiro, morre de pneumonia.

Assunta Scanno, mulher de Nicola, morre de câncer.

Enzo Scanno, filho de Nicola e Assunta, também verdureiro. Desde a infância Lila tem simpatia por ele. Por muito tempo foi noivo de Carmen Peluso, mas, após voltar do serviço militar, interrompe o

noivado sem dar explicações. Durante o serviço volta a estudar e tira por conta própria um diploma de perito industrial. Quando Lila decide deixar Stefano definitivamente, se responsabiliza por ela e pelo filho, Gennaro, e todos vão morar em San Giovanni a Teduccio.

Outros filhos.

A família Solara (família do dono do bar-confeitaria de mesmo nome):

Silvio Solara, proprietário do bar-confeitaria, monarquista e fascista, camorrista ligado aos negócios ilícitos do bairro. Foi contra a abertura da fábrica de calçados Cerullo.

Manuela Solara, mulher de Silvio, agiota: todos do bairro temem seu caderno vermelho.

Marcello e Michele Solara, filhos de Silvio e Manuela. Fanfarrões, prepotentes, mesmo assim são amados pelas jovens do bairro, afora naturalmente Lila. *Marcello* se apaixona por Lila, mas ela o rejeita. *Michele*, pouco mais novo que Marcello, é mais frio, mais inteligente, mais violento. É noivo de Gigliola, a filha do confeitiro, mas com o passar dos anos desenvolve uma doentia obsessão por Lila.

A família Spagnuolo (família do confeitiro):

Seu Spagnuolo, confeitiro do bar-confeitaria Solara.

Rosa Spagnuolo, mulher do confeitiro.

Gigliola Spagnuolo, filha do confeitiro, noiva de Michele Solara.

Outros filhos.

A família Airola:

Guido Airola, professor de Literatura grega.

Adele, sua mulher. Colabora com a editora de Milão que publica o romance de Elena.

Mariarosa Airola, a filha mais velha, professora de História da arte em Milão.

Pietro Airola, colega de universidade de Elena e seu noivo, destinado a uma brilhante carreira universitária.

Os professores:

Ferraro, professor e bibliotecário. Premiou Lila e Elena quando pequenas por serem leitoras assíduas.

Oliviero, professora. Foi a primeira a se dar conta das potencialidades de Lila e Elena. Aos dez anos de idade, Lila escreveu um conto intitulado *A fada azul*. Elena gostou tanto da história que a deu para Oliviero. Mas a professora, zangada porque os pais de Lila decidiram não mandar a filha para o ensino médio, nunca se pronunciou sobre o conto. Ao contrário, deixou de preocupar-se com Lila e se concentrou apenas no bom êxito de Elena. Morre após uma longa doença, pouco antes da formatura de Elena.

Gerace, professor do ginásio.

Galiani, professora do liceu. É muito culta, comunista. Fica imediatamente encantada com a inteligência de Elena. Empréstos livros a ela, a protege nos embates com o professor de religião e a convida para uma festa organizada pelos filhos em sua casa. Suas relações esfriam depois que Nino, apaixonado por Lila, rompe o namoro com Nadia.

Outros personagens:

Gino, filho do farmacêutico. Foi o primeiro namorado de Elena.

Nella Incardo, prima da professora Oliviero. Mora em Barano de Ischia e, no verão, aluga alguns quartos de sua casa à família Sarratore. Hospedou Elena durante suas férias na praia.

Armando, estudante de medicina, filho da professora Galiani.

Nadia, estudante, filha da professora Galiani e namorada de Nino, que a abandona com uma carta enviada de Ischia quando se apaixona por Lila.

Bruno Soccavo, amigo de Nino Sarratore e filho de um rico industrial de San Giovanni em Teduccio. Dá um emprego a Lila na fábrica de embutidos da família.

Franco Mari, estudante e namorado de Elena durante os primeiros anos de faculdade.

TEMPO INTERMÉDIO

1.

Encontrei Lila pela última vez cinco anos atrás, no inverno de 2005. Estávamos passeando de manhã cedo pelo estradão e, como há anos vinha acontecendo, não conseguíamos nos sentir à vontade. Lembro que apenas eu falava; ela cantarolava, cumprimentava gente que nem respondia, e nas raras vezes que me interrompia só pronunciava frases exclamativas, sem um nexo evidente com o que eu dizia. Ao longo dos anos, muita coisa ruim tinha ocorrido, algumas horríveis, e para retomar a via da intimidade teríamos de nos fazer confidências secretas, mas eu não tinha a força para encontrar as palavras, e ela — a quem talvez não faltasse força — não tinha a vontade, nem via utilidade nisso.

De todo modo eu gostava muito dela e sempre que ia a Nápoles procurava encontrá-la, ainda que — devo dizer — sentisse um certo medo. Ela estava muito mudada. A velhice já tinha levado a melhor sobre nós duas, mas, enquanto eu combatia a tendência a ganhar peso, ela se estabilizara numa magreza só pele e ossos. Tinha cabelos curtos, que ela mesma cortava, e muito brancos: não por escolha, mas por desleixo. O rosto, bastante marcado, lembrava cada vez mais o do pai. Ria de nervoso, quase um guincho, e falava altíssimo. Gesticulava sem parar, dando ao gesto uma determinação tão feroz que parecia querer cortar em dois os edifícios, a rua, os passantes, a mim.

Estávamos na altura da escola fundamental quando um homem jovem, que eu não conhecia, correu para nós e gritou para ela que, em um canteiro ao lado da igreja, tinha sido encontrado o cadáver de uma mulher. Fomos depressa para os jardinzinhos, Lila me arrastou em meio ao círculo de curiosos abrindo caminho com maus modos. A mulher jazia de lado, era extraordinariamente gorda, vestia um impermeável verde escuro e fora de moda. Lila a reconheceu num instante, eu, não: era nossa amiga de infância Gigliola Spagnuolo, ex-mulher de Michele Solara.

Eu não a encontrava havia décadas. O rosto bonito se

estragara, os tornozelos estavam enormes. Os cabelos, antigamente castanhos, eram agora de um vermelho fogo, longo como quando era uma garota, mas ralos, espalhados sobre o humo revolvido. Apenas um dos pés calçava um sapato de salto baixo, muito gasto; o outro estava metido numa meia de lã cinza, furada no dedão, ao passo que o sapato estava um metro e meio mais à frente, como se tivesse se desprendido depois de um chute provocado por dor ou por espanto. Caí no choro, e Lila me olhou com fastio.

Sentadas em um banco perto dali, aguardamos em silêncio que Gigliola fosse levada embora. O que havia acontecido com ela, como tinha morrido, por ora não se sabia. Depois fomos para a casa de Lila, o velho e pequeno apartamento dos pais, onde agora ela morava com o filho Rino. Conversamos sobre nossa amiga, ela me falou mal dela, da vida que tinha levado, das pretensões, das deslealdades. Mas neste momento era eu quem não conseguia ouvir, pensava naquele rosto de perfil na terra, em como eram ralos os cabelos compridos, nas manchas esbranquiçadas do crânio. Quantas pessoas que tinham sido crianças com a gente e não estavam mais vivas, desaparecidas da face da terra por doença, porque os nervos não tinham resistido à lixa dos tormentos, porque seu sangue tinha sido derramado. Por um tempo ficamos absortas na cozinha, sem que nenhuma das duas se decidisse a tirar a mesa, e então saímos de novo.

O sol do belo dia de inverno conferia às coisas um aspecto sereno. O bairro velho, diferentemente de nós, permanecera idêntico. Resistiam as casas baixas e cinzentas, o pátio de nossas brincadeiras, o estradão, as bocas escuras do túnel e a violência. No entanto a paisagem em torno mudara. A extensão esverdeada dos pântanos não existia mais, a velha fábrica de conservas desaparecera. Em seu lugar havia o brilho dos espigões de vidro, noutros tempos sinais de um futuro radiante no qual ninguém nunca acreditou. Com o passar dos anos todos registraram as mudanças, às vezes com curiosidade, quase sempre distraidamente. Quando menina eu imaginava que, para além do bairro, Nápoles oferecesse maravilhas. O arranha-céu da estação central, por

exemplo, me fascinara muito, décadas atrás, por sua elevação andar a andar, um esqueleto de edifício que então nos parecia altíssimo, ao lado da arrojada estação ferroviária. Como eu me surpreendia quando passava pela piazza Garibaldi: olha só como é alto, dizia a Lila, a Carmen, a Pasquale, a Ada, a Antonio, a todos os colegas daquela época, com os quais eu caminhava até o mar, margeando os bairros ricos. Lá no alto — pensava — moram os anjos, e certamente usufruem toda a cidade. Como eu gostaria de subir até lá, escalar até o topo. Era o *nosso* arranha-céu, mesmo estando fora do bairro, uma coisa que víamos crescer dia a dia. Mas a obra foi interrompida. Quando eu voltava de Pisa para casa, o arranha-céu da estação, em vez de símbolo de uma comunidade que estava se renovando, me parecia mais um nicho da ineficiência.

Naquele período me convenci de que não havia grande diferença entre o bairro e Nápoles, o mal-estar escoava de um para o outro sem interrupções. A cada retorno encontrava uma cidade cada vez mais de estuque, que não resistia às mudanças de estação, ao calor, ao frio, sobretudo aos temporais. E logo a estação da piazza Garibaldi se alagava, logo vinha abaixo a Galeria em frente ao Museu, logo havia um deslizamento de terra, e a luz elétrica não voltava mais. Guardava na memória ruas escuras e cheias de perigo, um trânsito cada vez mais caótico, a pavimentação irregular, poças enormes. Os bueiros entupidos transbordavam, regurgitavam. Lavas de água, esgoto, lixo e bactérias se despejavam no mar vindas das colinas repletas de construções novíssimas e frágeis, ou erodiam o mundo de baixo. As pessoas morriam por incúria, corrupção, opressão e, apesar de tudo, a cada turno eleitoral, dava seu consenso entusiástico aos políticos que tornavam sua vida insuportável. Assim que descia do trem, movia-me com cautela nos lugares onde eu tinha crescido, atenta para falar sempre em dialeto, como para assinalar *sou um de vocês, não me façam mal*.

Quando me formei, quando escrevi de jato uma história que, de modo totalmente inesperado, em poucos meses se transformou em um livro, os elementos do mundo de onde eu vinha me

pareceram ainda mais deteriorados. Enquanto em Pisa ou Milão eu me sentia bem, às vezes até feliz, em minha cidade natal temia a cada retorno que algum imprevisto me impedisse de fugir dali, que as coisas que eu tinha conquistado fossem tiradas de mim. Não poderia mais ir encontrar Pietro, com quem deveria me casar em breve; o espaço impecável da editora me seria vetado; não poderia mais usufruir as gentilezas de Adele, minha futura sogra, uma mãe como nunca tive. Já no passado a cidade me parecera lotada, uma única multidão que se estendia da piazza Garibaldi até Forcella, Duchesca, Lavinaio, Rettifilo. No final dos anos 1960, tive a impressão de que a multidão aumentara, de que a intolerância e a agressividade estavam se espalhando de modo incontrolável. Numa manhã fui até a via Mezzocannone, onde anos antes eu tinha trabalhado como atendente numa livraria. Fui por curiosidade, para ver o lugar em que passara horas de trabalho, especialmente para dar uma olhada na universidade, onde eu nunca tinha entrado. Queria compará-la com a de Pisa, com a Normal, esperava até cruzar com os filhos da professora Galiani — Armando, Nadia — e me gabar do que eu tinha sido capaz de fazer. Mas a rua, os espaços universitários me deram angústia, estavam cheios de estudantes napolitanos, da província e de todo o Sul, jovens bem-vestidos, barulhentos, seguros de si, e de rapazes de modos grosseiros e ao mesmo tempo subalternos. Aglomeravam-se nas entradas, dentro das salas, em frente às secretarias onde havia longas filas, onde frequentemente surgiam animosidades. Três ou quatro trocaram socos sem aviso prévio a poucos passos de mim, como se tivesse bastado se verem para chegar a uma explosão de insultos e agressões físicas, uma fúria de homem berrando sua vontade de sangue num dialeto que eu mesma tinha dificuldade de entender. Fui embora depressa, como se algo ameaçador me tivesse atingido em um local que eu imaginava seguro, habitado apenas por boas razões.

Enfim, cada ano me parecia pior. Naquele período de chuvas, a cidade estava mais uma vez colapsada, um prédio inteiro pendera de lado como uma pessoa que se apoia no braço carcomido de

uma velha poltrona e o braço cede. Mortos, feridos. E gritos, massacres, bombas caseiras. Parecia que a cidade gestava nas vísceras uma fúria que não conseguia extravasar e por isso mesmo a corroía, ou irrompia em pústulas epidérmicas, inchadas de veneno contra todos, crianças, adultos, velhos, gente de outras cidades, americanos da Otan, turistas de qualquer nacionalidade, os próprios napolitanos. Como era possível resistir naquele lugar de desordem e perigo, na periferia, no centro, nas colinas, sob o Vesúvio? Que impressão horrível me causara San Giovanni a Teduccio, a viagem para chegar até lá. Que impressão horrível me deu a fábrica em que Lila trabalhava, e a própria Lila, Lila com o filho pequeno, Lila que, num edifício miserável, vivia com Enzo embora não dormissem juntos. Tinha dito que ele queria estudar o funcionamento das calculadoras eletrônicas e que ela estava tentando ajudá-lo. Ficou em minha memória a voz dela tentando apagar San Giovanni, os embutidos, o cheiro da fábrica, sua condição, citando com fingida competência siglas do tipo: Centro de cibernética da Estatal de Milão, Centro soviético para a aplicação dos computadores nas ciências sociais. Queria me fazer acreditar que em breve surgiria um centro daquele gênero também em Nápoles. Aí pensei: em Milão talvez sim, com certeza na União Soviética, mas aqui não, aqui são delírios de sua cabeça incontrolável, para dentro dos quais você também está arrastando o pobre e devotíssimo Enzo. Em vez disso, ir embora. Escapar definitivamente, para longe da vida que tínhamos experimentado desde o nascimento. Fixar-se em territórios bem organizados, onde realmente tudo era possível. E de fato foi o que eu fiz. Mas só para descobrir, nas décadas seguintes, que eu tinha me enganado, que se tratava de uma corrente com anéis cada vez maiores: o bairro remetia à cidade, a cidade, à Itália, a Itália, à Europa, a Europa, a todo o planeta. E hoje eu vejo assim: não é o bairro que está doente, não é Nápoles, é o globo terrestre, é o universo, ou os universos. E a habilidade consiste em ocultar e esconder para si o real estado das coisas.

Falei a respeito disso com Lila naquela tarde, no inverno de

2005, como para fazer uma reparação. Queria reconhecer que ela havia compreendido tudo desde pequena, sem jamais ter saído de Nápoles. Mas me envergonhei quase imediatamente, senti em minhas palavras o pessimismo rabugento de quem envelhece, o tom que — eu sabia — ela detestava. De fato, me mostrou os dentes envelhecidos num sorriso que era uma careta nervosa e disse:

“Agora vai bancar a sábia, proferir sentenças? Quais são suas intenções? Quer escrever sobre nós? Quer escrever sobre mim?”.

“Não.”

“Diga a verdade.”

“Seria muito complicado.”

“Mas pensou nisso, e continua pensando.”

“Um pouco, sim.”

“Me deixe em meu canto, Lenu. Deixe todo mundo pra lá. Nós devemos desaparecer, não merecemos nada, nem Gigliola nem eu, ninguém.”

“Isso não é verdade.”

Fez uma feia expressão de descontentamento e me perscrutou com pupilas que mal se viam, a boca entreaberta.

“Tudo bem”, disse, “escreva, se faz tanta questão, escreva sobre Gigliola, sobre quem quiser. Mas não sobre mim, nem tente, me prometa.”

“Não vou escrever sobre ninguém, nem sobre você.”

“Olha lá, estou de olho em você.”

“É mesmo?”

“Vou vasculhar seu computador, ler seus arquivos, apagar um por um.”

“Que nada.”

“Acha que não sou capaz?”

“Eu sei que você é capaz. Mas sei me proteger.”

Riu com seu velho jeito maldoso.

“De mim, não.”

Nunca mais esqueci aquelas três palavras, foi a última coisa que ela me disse: *de mim, não*. Agora já faz semanas que escrevo num bom ritmo, sem perder tempo relendo o que escrevi. Se Lila ainda estiver viva — fico fantasiando sobre isso enquanto sorvo um café e vejo o rio Pó se chocando contra as pilastras da ponte Principessa Isabella, ela não vai resistir, virá xeretar meu computador, vai ler e, velha lunática que é, ficará furiosa com minha desobediência, vai se intrometer, corrigir, fazer acréscimos, deixando pra lá o desejo de desaparecer. Depois lavo a xícara, vou à escrivaninha, volto a escrever a partir daquela primavera fria em Milão, uma noite passada mais de quarenta anos atrás, na livraria, quando o homem de óculos grossos falou com sarcasmo de mim e de meu livro diante de todos, e eu repliquei de modo confuso, trêmulo. Até que de repente Nino Sarratore se ergueu, quase irreconhecível com a barba inculta, pretíssima, e atacou com dureza quem tinha me atacado. A partir daquele momento, comecei por inteiro a gritar seu nome em silêncio — há quanto tempo não o via, quatro, cinco anos — e, embora estivesse gelada por causa da tensão, me senti queimar.

Assim que Nino terminou sua fala, o homem pediu o direito de réplica com um gesto contido. Era óbvio que ele sentira o golpe, mas eu estava muito envolvida em emoções violentas para entender imediatamente o porquê. Tinha percebido, naturalmente, que a intervenção de Nino deslocara a discussão da literatura para a política, de modo agressivo e quase desrespeitoso. Porém, naquele momento dei pouco peso ao fato, não conseguia me perdoar por não ter sido capaz de enfrentar o debate, de ter sido inconsequente diante de um público muito culto. No entanto eu sabia reagir. No liceu, tinha reagido a uma condição de desvantagem tentando imitar a professora Galiani, apropriando-me de seus tons e de sua linguagem. Em Pisa aquele modelo de mulher não bastara, tive de me haver com gente muito aguerrida. Franco, Pietro, todos os

estudantes que se destacavam, e naturalmente os professores prestigiosos da Normal, se expressavam de maneira complexa, escreviam com calculadíssimo artifício, tinham uma habilidade em categorizar, uma nitidez lógica, que Galiani não possuía. Mas eu me exercitara para ser como eles. E frequentemente consegui, tive a impressão de dominar as palavras a ponto de varrer para sempre as incongruências do estar no mundo, a insurgência das emoções e os discursos trôpegos. Em suma, agora eu sabia recorrer a um modo de falar e de escrever que, por meio de um vocabulário selecionadíssimo, um andamento amplo e meditado, a disposição implacável dos argumentos e a clareza formal que jamais podia faltar, visava a aniquilar o interlocutor a ponto de lhe tirar a vontade de rebater. Mas naquela noite as coisas não correram como deveriam. Primeiro Adele e seus amigos, que eu imaginava de finíssimas leituras, depois o homem de óculos grossos acabaram por me intimidar. Eu me tornara a mulherzinha voluntariosa que vinha do bairro, a filha do contínuo com a cadência dialetal do Sul, ela mesma assustada por ter ido parar naquele lugar, recitando o papel da escritora jovem e culta. Por isso perdi confiança e me expressei sem convicção, atabalhoadamente. Sem falar de Nino. Sua aparição me tirara qualquer resto de controle, e a própria qualidade de sua fala em minha defesa confirmara que eu havia perdido subitamente minhas habilidades. Vínhamos de ambientes semelhantes, ambos nos esforçáramos para adquirir aquela linguagem. Entretanto ele não só a tinha usado com naturalidade, direcionando-a facilmente contra seu interlocutor, mas também, nos momentos em que lhe pareceu necessário, até se permitiu inserir programaticamente alguma desordem em seu italiano elegante com uma negligência ostensiva, que logo fez soar antiquada e talvez até um pouco ridícula a impostação professoral do homem de óculos grossos. Consequentemente, quando notei que este último queria retomar a palavra, pensei: deve estar furioso e, se antes falou mal de meu livro, agora vai falar ainda pior, só para humilhar Nino, que o defendeu.

Mas o homem pareceu preocupado com outras coisas: não

voltou ao meu romance, não fez mais nenhuma menção a mim. Concentrou-se, em vez disso, em certas fórmulas que Nino usara marginalmente, mas repetindo-as com insistência; coisas do tipo *arrogância oligárquica, literatura antiautoritária*. Só então compreendi que sua raiva derivava da inflexão política do debate. Não apreciara aquele léxico, e o sublinhou escandindo a voz profunda com um repentino falsete sarcástico (*portanto a altivez do conhecimento hoje é definida arrogância, então até a literatura tornou-se antiautoritária?*). Depois passou a jogar sutilmente com a palavra *autoridade*, graças a Deus — disse — uma barreira contra os juvenzinhos incultos que se pronunciam a esmo sobre qualquer coisa, recorrendo às platitudes de sabe-se lá que curso livre da Estatal de Milão. E falou demoradamente sobre esse tema, dirigindo-se ao público, jamais diretamente a Nino ou a mim. No entanto, ao final, concentrou-se primeiro no velho crítico que estava sentado a meu lado e, depois, diretamente em Adele, talvez seu verdadeiro alvo polêmico desde o início. Não tenho nada contra os jovens — disse em síntese —, mas contra os adultos estudados que estão sempre prontos, por interesse, a cavalgar a última moda da estupidez. Neste ponto finalmente se calou e fez menção de sair com abafados mas enérgicos me desculpem, com licença, obrigado.

Os presentes se levantaram para deixá-lo passar, todos hostis, mas respeitosos. Então pude confirmar definitivamente que se tratava de um homem de prestígio, de tanto prestígio que até Adele respondeu ao seu cumprimento raivoso com um cordial: obrigada, até logo. Talvez tenha sido por isso que Nino surpreendeu a todos quando, de modo imperativo e ao mesmo tempo zombeteiro, mostrando saber com quem estava falando, o chamou com o título de professor — *professor, aonde vai, não fuja* — e então, graças à agilidade das pernas compridas, bloqueou sua passagem, o enfrentou, lhe disse frases naquela sua nova língua que, de onde eu estava, mal pude ouvir e entender, mas que deviam ser como cabos de aço sob o sol forte. O homem escutou imóvel, sem impaciência, depois fez um gesto com a mão que significava afaste-se e rumou para a saída.

Saí da mesa transtornada, demorava a me dar conta de que Nino realmente estava ali, em Milão, naquela sala. Mas lá estava ele, que vinha a meu encontro sorrindo, mas com o passo medido, sem pressa. Apertamos as mãos — a dele estava muito quente, a minha, gelada — e declaramos quanto estávamos contentes por nos revermos depois de tanto tempo. Saber que finalmente o pior da noite havia passado e que agora ele estava diante de mim, real, atenuou meu mau humor, mas não a agitação. Apresentei-o ao crítico que havia generosamente elogiado meu livro, disse a ele que era um amigo de Nápoles, que tínhamos feito o liceu juntos. Mesmo tendo recebido de Nino algumas estocadas, o professor foi gentil, elogiou-o pelo modo como havia tratado aquele sujeito, falou de Nápoles com simpatia, enfim, dirigiu-se a ele como a um estudante brilhante que devia ser encorajado. Nino explicou que morava em Milão havia anos, se ocupava de geografia econômica, pertencia — e sorriu — à categoria mais miserável da pirâmide acadêmica, ou seja, a dos assistentes. Expressou-se de modo cativante, sem o tom mal-humorado que tinha na adolescência, e me pareceu estar vestindo uma armadura mais leve que aquela que me fascinara no liceu, como se tivesse conseguido desembaraçar-se de pesos excessivos para poder esgrimir com mais rapidez e elegância. Notei com alívio que não usava aliança.

Enquanto isso, algumas amigas de Adele se aproximaram para que eu autografasse o livro, coisa que me emocionou, era a primeira vez que aquilo acontecia. Titubeei: não queria perder Nino de vista nem por um segundo, mas também desejava atenuar a impressão de menina desajeitada que devo ter transmitido. Então o deixei com o professor de idade — chamava-se Tarratano — e acolhi minhas leitoras com cortesia. Quis terminar com aquilo rapidamente, mas os exemplares eram novos, com cheiro de gráfica, muito diferentes dos livros surrados e malcheirosos que Lila e eu pegávamos emprestados na biblioteca do bairro, e não

tive ânimo de estragá-los depressa com a caneta. Exibi minha melhor letra, aquela dos tempos da professora Oliviero, e inventei elaboradas dedicatórias, que causaram alguma impaciência nas senhoras que estavam na fila. Fiz isso com o coração aos pulos, de olho em Nino. Tremia ao pensar que ele pudesse ir embora.

Não foi. Agora Adele se juntara a ele e a Tarratano, e Nino se dirigia a ela com deferência e ao mesmo tempo desenvoltura. Lembrei-me de quando falava pelos corredores do liceu com a professora Galiani e não foi difícil associar em minha cabeça o aluno brilhante daquela época ao jovem homem de agora. Entretanto afastei com decisão, como um desvio inútil que nos fizera sofrer a todos, o estudante universitário de Ischia, o amante de minha amiga casada, o jovem abatido que se escondia no banheiro da loja da piazza dei Martiri e que era o pai de Gennaro, um menino que ele nunca tinha visto. Com certeza a irrupção de Lila o fizera perder o rumo, mas — como naquela ocasião me pareceu evidente — tratou-se apenas de um parêntese. Por mais intensa que tivesse sido aquela experiência, por mais que tivesse deixado marcas profundas nele, agora tinha acabado. Nino se reencontrara, e eu fiquei contente. Pensei: preciso dizer a Lila que o encontrei, que ele está bem. Depois mudei de ideia: não, não vou dizer nada.

Quando encerrei as dedicatórias, a sala já estava vazia. Adele pegou minha mão com delicadeza, elogiou muito o modo como eu tinha falado de meu livro e como respondi à péssima intervenção — assim ela definiu — do homem de óculos grossos. Como eu negava o fato de ter me saído bem (sabia perfeitamente que não era verdade), pedi a Nino e a Tarratano que se pronunciassem, e ambos naturalmente se derramaram em elogios. Nino chegou a dizer, fixando-me sério: *vocês não sabem o que era essa menina já no ginásio, inteligentíssima, cultíssima, muito corajosa, muito bonita*. E, enquanto eu sentia meu rosto arder, ele passou a contar com elegância irônica meu conflito de anos atrás com o professor de religião. Adele escutava e ria em vários momentos. Nós da família — disse — percebemos imediatamente as qualidades de Elena, e

então anunciou que tinha reservado para o jantar um restaurante ali perto. Fiquei tensa, murmurei sem jeito que estava cansada e sem fome, dei a entender que, como não nos encontrávamos há tanto tempo, gostaria de passear um pouco com Nino antes de ir para a cama. Sabia que era uma descortesia, o jantar era para homenagear a mim e agradecer a Tarratano por seu empenho em favor do livro, mas não consegui me conter. Adele me fixou por um instante com uma expressão irônica e replicou que, naturalmente, meu amigo também era convidado, acrescentando com ares misteriosos, como para compensar-me do sacrifício que eu fazia: tenho uma bela surpresa guardada para você. Olhei Nino ansiosa: aceitaria o convite? Ele disse que não queria incomodar, olhou o relógio e aceitou.

Saímos da livraria. Com discrição, Adele seguiu na frente acompanhada de Tarratano, enquanto eu e Nino os acompanhávamos atrás. Mas logo descobri que não sabia o que falar com ele, temia que qualquer palavra minha soasse equivocada. Ele cuidou de quebrar o silêncio. Elogiou mais uma vez meu livro e começou a falar com muito apreço dos Airotta (os definiu como “a mais civilizada das famílias que valem alguma coisa na Itália”), disse que conhecia Mariarosa (“está sempre na linha de frente: duas semanas atrás tivemos uma grande discussão”), congratulou-me porque tinha acabado de saber por Adele que eu estava noiva de Pietro, cujo livro sobre os ritos báquicos, para meu espanto, ele conhecia; mas acima de tudo falou com deferência sobre o chefe de família, o professor Guido Airotta, “um homem realmente excepcional”. Fiquei um pouco irritada por ele já saber de meu noivado, e também incomodada ao notar que o elogio a meu livro era mais um preâmbulo ao louvor bem mais acentuado de toda a família de Pietro, do livro de Pietro. Então o interrompi, perguntei a respeito dele, mas foi vago nas respostas, apenas a menção a um livrinho no prelo que ele mesmo qualificou de tedioso, mas obrigatório. Insisti, indaguei se tinha enfrentado muitas dificuldades nos primeiros anos em Milão. Respondeu com poucas palavras genéricas sobre os problemas quando se vem do Sul sem um centavo no bolso. Depois me perguntou de repente:

“Você voltou a morar em Nápoles?”

“Por enquanto, sim.”

“No bairro?”

“Sim.”

“Eu rompi definitivamente com meu pai e não vejo mais ninguém da família.”

“Que pena.”

“Está ótimo assim. Só lamento não ter notícias de Lina.”

Por um instante pensei que eu me enganara, que Lila nunca

tivesse saído de sua vida, que não tinha ido à livraria por minha causa, mas só para saber dela. Então disse a mim mesma: se ele realmente quisesse saber de Lila, depois de tantos anos teria encontrado um meio de se informar, e reagi com ímpeto, no tom claro de quem quer encerrar o assunto depressa:

“Ela deixou o marido, vive com outro.”

“Teve um menino ou uma menina?”

“Um menino.”

Fez uma expressão descontente e disse:

“Lina é corajosa, até demais. Mas não sabe dobrar-se à realidade, é incapaz de aceitar os outros e a si mesma. Gostar dela foi uma experiência difícil.”

“Em que sentido?”

“Ela não sabe o que é dedicação.”

“Talvez você esteja exagerando.”

“Não, ela realmente tem problemas: na cabeça, em tudo, até no sexo.”

Aquelas últimas palavras — *até no sexo* — me atingiram mais que as outras. Então Nino estava expressando um juízo negativo sobre sua relação com Lila? Então acabara de me dizer, para meu espanto, que aquele juízo também incluía a esfera sexual? Fixei por uns segundos as silhuetas escuras de Adele e de seu amigo, que caminhavam à nossa frente. O espanto se transformou em ansiedade, percebi que *até no sexo* era um preâmbulo, que ele queria ser ainda mais explícito. Anos atrás aconteceu que Stefano, depois do casamento, fez confidências a mim e me contou alguns problemas com Lila, mas sem nunca aludir ao sexo, ninguém no bairro o teria feito ao falar sobre a mulher que amava. Era impensável, por exemplo, que Pasquale me falasse da sexualidade de Ada ou, pior ainda, que Antonio conversasse com Carmen ou Gigliola sobre minha sexualidade. Isso se fazia entre homens — e de modo vulgar, quando eles não se importavam ou já tinham deixado de se importar conosco, mulheres —, mas entre homens e mulheres, não. Entretanto intuí que Nino, o novo Nino, considerava absolutamente normal tratar comigo sobre temas

como o das relações sexuais que tivera com minha amiga. Fiquei constrangida, me retraí. Este é outro ponto — pensei — sobre o qual nunca devo falar com Lila; no entanto disse com falsa desenvoltura: águas passadas, vamos esquecer as tristezas, me fale de você, como é seu trabalho, quais as perspectivas na universidade, onde você mora, vive sozinho? Mas com certeza demonstrei excessiva ansiedade, e ele deve ter notado que saí pela tangente depressa. Sorriu irônico e começou a me responder. Mas tínhamos chegado ao restaurante, e entramos.

Adele distribuiu os lugares: eu ao lado de Nino e em frente a Tarratano, ela ao lado de Tarratano e em frente a Nino. Fizemos os pedidos e rapidamente a conversa resvalou para o homem de óculos grossos, um professor de literatura italiana — pelo que entendi — colaborador assíduo do *Corriere della Sera*, democrata-cristão. Dessa vez, nem Adele nem o amigo dela conseguiram se conter. Fora do ritual da livraria, falaram todo o mal possível sobre o sujeito e elogiaram Nino pelo modo como o enfrentara e desconcertara. Riram sobretudo ao lembrar as palavras com que ele o atacara enquanto abandonava a sala, frases que eles tinham escutado, e eu, não. Perguntaram a ele qual tinha sido a formulação precisa, mas Nino se esquivou, disse que não recordava. Mas depois as palavras vieram à tona, talvez reinventadas para a ocasião, algo do tipo: *para tutelar a Autoridade em toda sua expressão, o senhor estaria disposto a suspender a democracia*. E a partir daquele momento os três conversaram apenas entre si, com um entusiasmo crescente, sobre os serviços secretos, a Grécia, a tortura nas prisões daquele país, o Vietnã, a inesperada insurgência do movimento estudantil não só na Itália, mas na Europa e em todo o mundo, sobre um artigo do professor Airota na revista *Ponte* — com o qual Nino disse ter concordado palavra por palavra — a propósito da condição da pesquisa e do ensino nas universidades.

“Vou dizer a minha filha que você gostou”, disse Adele, “ela o considerou ruim.”

“Mariarosa só se apaixona pelo que o mundo não pode dar.”

“Perfeito, é justamente isso.”

Eu não sabia nada sobre esse artigo de meu futuro sogro. Aquilo me deixou mal, e fiquei escutando em silêncio. Primeiro as provas finais, depois a tese de conclusão de curso, depois o livro e sua publicação apressada absorveram grande parte de meu tempo. Estava superficialmente informada sobre os acontecimentos do mundo e não tinha ouvido quase nada sobre estudantes,

manifestações, confrontos, feridos, prisões, sangue. Como já estava fora da universidade, tudo o que eu de fato sabia sobre aquela agitação eram os resmungos de Pietro, que se lamentava do que definia numa carta de “a besteirada pisana”. Assim me sentia imersa em um cenário de traços confusos. Traços que, no entanto, meus comensais pareciam capazes de decifrar com extrema precisão, sobretudo Nino. Eu estava sentada ao lado dele, o escutava, tocava de leve meu braço no dele, um contato apenas de tecidos, mas que mesmo assim me emocionava. Tinha conservado sua propensão para as cifras: listava números de inscritos na universidade, uma verdadeira multidão, e sobre a capacidade real dos edifícios, sobre as horas que os medalhões de fato trabalhavam, sobre quantos, em vez de pesquisar e ensinar, ocupavam cadeiras no parlamento ou em conselhos de administração, ou se dedicavam a consultorias remuneradíssimas e a atividades privadas. Adele concordava, o amigo, também, e às vezes intervinham mencionando pessoas cujos nomes eu nunca tinha ouvido. Me senti excluída. A comemoração pelo meu livro já não estava em seus pensamentos, minha sogra parecia até esquecida da surpresa que me anunciara. Sussurrei que sairia da mesa por um instante, Adele fez um sinal distraído, Nino continuou falando entusiasmado. Tarratano deve ter pensado que eu estava me aborrecendo e disse solícito, quase num murmúrio:

“Volte logo, conto muito com sua opinião.”

“Não tenho opiniões”, respondi com um meio sorriso.

Ele sorriu por sua vez:

“Uma escritora sempre inventa uma.”

“Talvez eu não seja uma escritora.”

“Claro que é.”

Fui ao toalete. Nino sempre tivera a capacidade de mostrar minhas deficiências assim que abria a boca. Preciso estudar mais, pensei, como pude ficar para trás desse jeito? Claro, quando quero, sei simular com as palavras um pouco de competência e paixão. Mas não posso continuar assim, aprendi muitas coisas que não servem para nada e pouquíssimas que importam. Terminado meu

caso com Franco, perdi o pouco de curiosidade pelo mundo que ele me transmitira. E o noivado com Pietro não me ajudou, o que não interessava a ele parou de interessar a mim. Como Pietro é diferente do pai, da irmã, da mãe. E como ele é diferente de Nino. Se fosse por ele, eu nem teria escrito meu romance. Ele o aceitou quase com fastio, como uma infração à etiqueta acadêmica. Ou talvez eu esteja exagerando, foi só culpa minha. Sou uma jovem limitada, só consigo me concentrar em uma coisa por vez, o resto eu elimino. Mas agora vou mudar. Logo depois deste jantar tedioso vou arrastar Nino comigo, vou obrigá-lo a passear a noite inteira, vou lhe perguntar que livros eu devo ler, que filmes devo ver, que músicas devo ouvir. Vou pegá-lo pelo braço e dizer: estou com frio. Propósitos confusos, proposições incompletas. Me escondi na ansiedade que sentia, disse apenas a mim mesma: poderia ser a única ocasião que temos, viajo amanhã, não o verei mais.

Nesse meio-tempo eu me observava no espelho com raiva. Estava com o rosto cansado, pequenas espinhas no queixo e olheiras roxas prenunciavam a menstruação. Sou feia, baixinha, peitos muito grandes. Deveria ter entendido há tempos que ele nunca me quis, não por acaso preferiu Lila a mim. Mas com que resultado? *Ela tem problemas até no sexo*, ele disse. Errei ao me esquivar. Deveria ter me mostrado curiosa, deixá-lo continuar. Caso volte a tocar no assunto, serei mais desinibida: quando é que uma mulher tem problemas no sexo? Estou perguntando — lhe direi, rindo — porque também quero me corrigir, se achar necessário. Admitindo-se que seja possível se corrigir, quem sabe. Recordei com asco o que tinha acontecido com o pai dele na praia dos Maronti. Pensei nas relações com Franco sobre a cama estreita de seu quarto em Pisa. Naquelas ocasiões eu teria feito algo errado que tivesse sido notado, mas que, por tato, ele não me dissera? E se naquela mesma noite, suponhamos, eu fosse para a cama com Nino, voltaria a errar de novo, a ponto de ele pensar: tem problemas que nem Lila, e falaria às minhas costas com suas amigas da Estatal, talvez até com Mariarosa?

Percebi quanto aquelas palavras tinham sido desagradáveis, eu

o deveria ter censurado. Desse sexo errado — deveria ter dito a ele —, de uma experiência sobre a qual você agora expressa um julgamento negativo, nasceu um filho, o pequeno Gennaro, que é muito inteligente: não é nada bonito que você fale assim, a questão não é redutível a quem tem problemas e a quem não tem, Lila se arruinou por você. E decidi: quando me livrar de Adele e do amigo dela, quando ele me acompanhar até o hotel, retomarei a conversa e lhe direi tudo.

Saí do toailete. Voltei ao salão e descobri que a situação tinha mudado durante minha ausência. Assim que minha sogra me viu, agitou uma mão e disse alegre, com o rosto aceso: finalmente a surpresa chegou. A surpresa era Pietro, sentado ao seu lado.

6.

Meu noivo se levantou e me abraçou. Eu nunca tinha dito nada a ele sobre Nino. Tinha mencionado Antonio, poucas palavras, e lhe dissera algo sobre minha relação com Franco, que aliás era bem conhecida no ambiente estudantil de Pisa. Mas nunca nem aludira ao nome de Nino. Era uma história que me fazia mal, com momentos penosos dos quais eu me envergonhava. Revelá-la significaria confessar que sempre amei uma pessoa como jamais o amaria. E conferir-lhe uma ordem, um sentido, implicava falar de Lila, de Ischia, avançar quem sabe até o ponto de admitir que o episódio de sexo com um homem maduro, tal como era narrado em meu livro, se inspirava em uma experiência verdadeira nos Maronti, em minha escolha de garotinha desesperada que agora, depois de tanto tempo, me parecia uma coisa repugnante. Assunto meu, portanto, e preservei meus segredos. Se Pietro tivesse sabido, compreenderia facilmente a razão de meu descontentamento com que o estava recebendo.

Ele tornou a se sentar na cabeceira da mesa, entre a mãe e Nino. Devorou uma bisteca e bebeu vinho, mas me olhava assustado, percebendo meu mau humor. Com certeza se sentia em culpa por não ter chegado a tempo e perdido um acontecimento importante em minha vida, porque seu descuido podia ser interpretado como um sinal de que não me amava, porque me deixara com estranhos, sem o conforto de seu afeto. Difícil dizer a ele que minha cara amarrada e meu mutismo se explicavam *justamente* pelo fato de ele não ter permanecido ausente até o final, por ter se intrometido entre mim e Nino.

De resto, Nino estava me infligindo uma infelicidade ainda maior. Estava sentado a meu lado, mas nunca me dirigia a palavra. Parecia contente com a chegada de Pietro. Servia-lhe vinho, oferecia seus cigarros, acendia um, e agora os dois sopravam fumaça de lábios estreitos, falando da viagem cansativa de carro entre Pisa e Milão e do prazer de dirigir. Fiquei espantada com a

diferença entre eles: Nino era enxuto, flexível, a voz alta e cordial; Pietro atarracado, com uma bizarra massa emaranhada de cabelos sobre a testa enorme, as bochechas cheias raspadas pela lâmina, a voz sempre baixa. Pareciam alegres por terem se conhecido, algo bastante anômalo para Pietro, sempre na dele. Nino o incitava, mostrava um real interesse por seus estudos (*li em algum lugar um artigo em que você contrapõe o leite e o mel ao vinho e a qualquer forma de embriaguez*), o solicitava a falar sobre o assunto, e meu noivo, que em geral tendia a não dizer nada sobre aqueles temas, acabava cedendo, corrigia com bom humor, se abria. Porém, justo quando Pietro começava a ficar íntimo, Adele interveio.

“Chega de conversa”, disse ao filho. “E a surpresa para Elena?”

Olhei para ela, incerta. Havia outras surpresas? Não bastava que Pietro tivesse guiado por oito horas, sem fazer nenhuma parada, só para chegar a tempo de pelo menos jantar em minha homenagem? Pensei em meu noivo com curiosidade, estava assumindo um ar circunspecto que eu conhecia bem, e que se estampava em seu rosto quando as circunstâncias o forçavam a falar bem de si em público. Anunciou-me, mas quase em um sussurro, que se tornara professor titular, um precocíssimo professor titular com uma cátedra em Florença. Assim, por magia, segundo seu costume. Nunca se gabava de sua excelência, eu não sabia quase nada sobre quanto era apreciado como estudioso, submetia-se a provas duríssimas sem me dizer palavra. E agora lá estava ele, dando aquela notícia com negligência, como se tivesse sido obrigado pela mãe, como se para ele não significasse grande coisa. No entanto significava um prestígio notável para alguém de sua idade, significava segurança econômica, significava sair de Pisa, significava subtrair-se a um clima político e cultural que há meses, não sei por que, o exasperava. Significava acima de tudo que no outono, ou no máximo no início do próximo ano, nós nos casaríamos e eu deixaria Nápoles. Ninguém fez menção a este último fato, mas todos se congratularam tanto com Pietro quanto comigo. Nino, que logo em seguida olhou o relógio, disse uma

frase azeda sobre a carreira universitária e exclamou que estava desolado, mas precisava ir embora.

Todos nos levantamos. Eu não sabia o que fazer, busquei inutilmente o olhar dele, e uma grande dor cresceu em meu peito. Fim da noite, ocasião perdida, desejos abortados. Uma vez na rua, esperei que me desse um número de telefone, um endereço. Limitou-se a apertar minha mão e a me desejar todo o bem possível. A partir dali me pareceu que cada movimento dele me excluísse de propósito. Num gesto de despedida, fiz-lhe um meio sorriso agitando a mão no ar, como se empunhasse uma caneta. Era uma súplica e significava: você sabe onde moro, me escreva, por favor. Mas ele já tinha virado as costas.

Agradei a Adele e a seu amigo por todo o esforço que tinham feito por mim e por meu livro. Ambos elogiaram muito Nino, com sinceridade, falando como se eu tivesse contribuído para torná-lo um jovem tão simpático e inteligente. Pietro não disse nada, fez apenas um gesto meio nervoso quando a mãe lhe recomendou que voltasse logo, ambos eram hóspedes de Mariarosa. Eu disse imediatamente: não precisa me acompanhar, vá com sua mãe. Ninguém achou que eu estivesse falando sério, que eu estava infeliz e preferia ficar sozinha.

Durante todo o percurso me mostrei intratável. Exclamei que não gostava de Florença, o que não era verdade. Exclamei que não queria mais escrever, queria ensinar, e não era verdade. Exclamei que estava cansada, que tinha muito sono, e não era verdade. Não só: quando Pietro me anunciou sem preâmbulos que queria conhecer meus pais, gritei: está maluco, deixe minha família em paz, você não é adequado para eles e eles não são adequados a você. Naquela altura ele me perguntou espantado:

“Não quer mais se casar comigo?”

Estive a ponto de dizer: é, não quero, mas me controlei a tempo, sabia que nem isso era verdade. Disse sem forças: desculpe, estou deprimida, claro que quero me casar com você — então peguei sua mão e entrelacei meus dedos nos dele. Era um homem inteligente, extraordinariamente culto e bom. Eu gostava dele, não queria que sofresse. No entanto, enquanto segurava sua mão, justamente enquanto confirmava que queria me casar, compreendi com clareza que, se ele não tivesse aparecido aquela noite no restaurante, eu teria tentado ficar com Nino.

Foi difícil admitir isso. Com certeza era uma má ação, que Pietro não merecia, mas eu a cometeria com prazer e talvez até sem remorsos. Encontraria um modo de atrair Nino para mim depois de todos aqueles anos, desde a escola fundamental até o liceu, até o período de Ischia e da piazza dei Martiri. Eu o tomaria

para mim, ainda que aquela frase dele sobre Lila me incomodasse e angustiasse. Eu o tomaria para mim e nunca diria nada a Pietro. Talvez pudesse contar a Lila, mas quem sabe quando, talvez na velhice, quando imaginava que nada mais importaria nem a ela, nem a mim. O tempo, como em todas as coisas, era decisivo. Nino duraria apenas uma noite, me deixaria na manhã seguinte. Mesmo o conhecendo desde sempre, era feito de fantasias, ficar com ele para sempre teria sido impossível, ele vinha da infância, era construído de desejos infantis, não tinha concretude, não apontava para o futuro. Já Pietro era de agora, maciço, um marco de fronteira. Delimitava uma terra novíssima para mim, uma terra de boas razões, governada por regras que derivavam de sua família e que conferiam um sentido a cada coisa. Vigiam grandes ideais, o culto do bom nome, questões de princípio. Nada, entre os Airotta, era aproximativo. O casamento, por exemplo, participava de sua contribuição a uma batalha laica. Os pais de Pietro eram casados apenas no civil, e Pietro, mesmo tendo uma vasta cultura religiosa — aliás, talvez justamente por isso —, nunca se casaria na igreja, preferiria renunciar a mim. O mesmo valia para o batismo. Pietro não tinha sido batizado, nem Mariarosa, portanto nossos eventuais filhos não seriam batizados. Tudo nele seguia aquele andamento, parecia sempre guiado por uma ordem superior que, embora não tendo uma origem divina, mas familiar, dava-lhe igualmente a certeza de estar do lado da verdade e da justiça. Quanto ao sexo, não sei, ele era reservado. Conhecia bem minha história com Franco Mari para deduzir que eu não era virgem, mas nunca tocara nesse assunto, nem uma meia frase recriminatória, uma piada pesada, uma risadinha. Não me constava que ele tivesse tido outras namoradas, era difícil imaginá-lo com uma prostituta, e excluía que ele tivesse passado um minuto sequer de sua vida falando de mulheres com outros homens. Detestava anedotas picantes. Detestava fofocas, tons exaltados, festas, toda forma de desperdício. Mesmo sendo de condição abastada, tendia — nesse ponto em polêmica com os pais e a irmã — a uma espécie de ascetismo na abundância. E tinha um senso agudo do dever, nunca

faltaria a seus compromissos comigo, nunca me trairia.

Portanto, claro, eu não queria perdê-lo. Paciência se minha natureza, rude apesar dos estudos que fiz, estava longe de seu rigor, se eu não sabia honestamente até que ponto seria capaz de suportar toda aquela geometria. Ele me dava a certeza de escapar à maleabilidade oportunista de meu pai e à grosseria de minha mãe. Por isso reprimi à força a ideia de Nino, peguei Pietro pelo braço e murmurei: sim, vamos nos casar o mais rápido possível, quero ir embora de casa, quero tirar minha habilitação, quero viajar, quero ter um telefone, uma televisão, nunca tive nada. E naquele momento ele ficou alegre, riu, disse sim a tudo o que eu confusamente pretendia. A poucos passos do hotel ele parou e murmurou, rouco: posso dormir com você? Foi a última surpresa da noite. Olhei para ele perplexa: estive propensa muitas vezes a fazer amor, ele sempre evitara; mas me deitar com ele ali, em Milão, no hotel, depois da discussão traumática na livraria, depois de Nino, não me agradava. Respondi: já esperamos tanto, podemos esperar um pouco mais. Beije-o numa esquina escura e o observei da entrada do hotel, enquanto ele se afastava pelo corso Garibaldi e de vez em quando se virava e dava tchau com um gesto tímido. Seu andar atrapalhado, os pés chatos, o alto emaranhado dos cabelos me enterneceram.

8.

A partir daquele momento a vida começou a martelar-me sem trégua, os meses se enxertaram depressa um dentro do outro, não havia dia em que não ocorresse algo de bom ou de ruim. Voltei a Nápoles com Nino revirando em minha cabeça, aquele nosso encontro sem consequências, e aos poucos prevaleceu a vontade de correr até Lila, esperar que ela voltasse do trabalho, contar o que fosse possível contar sem lhe fazer mal. Depois me convenci de que mesmo um leve aceno a Nino seria doloroso para ela, e renunciei. Lila deslizara para seu rumo, Nino, para o dele, e eu tinha coisas urgentes a enfrentar. Por exemplo, na mesma noite em que voltei de Milão disse a meus pais que Pietro logo faria uma visita para conhecê-los, que provavelmente nos casaríamos ainda naquele ano e que eu iria morar em Florença.

Não manifestaram alegria nem satisfação. Pensei que estivessem definitivamente habituados àquele meu vaivém incessante, cada vez mais estranha à família, indiferente a seus problemas de sobrevivência. E me pareceu previsível que só meu pai se agitasse um pouco, sempre nervoso diante de situações para as quais não se sentia preparado.

“O professor da universidade precisa vir mesmo à nossa casa?”, perguntou irritado.

“E onde seria?”, rebateu furiosa minha mãe. “Como ele vai pedir a mão de Lenuccia a você se não vier aqui?”

Como sempre, minha mãe me pareceu mais pronta do que ele, concreta, com uma determinação que beirava a insensibilidade. Mas, uma vez que conseguiu calá-lo, uma vez que o marido se recolheu para dormir e Elisa, Peppe e Gianni arrumaram suas camas na sala de jantar, tive que mudar de opinião. Ela me agrediu com uma voz baixíssima e mesmo assim gritada, sibilando com olhos injetados: nós não somos nada para você, nos diz as coisas só em cima da hora, a senhorita se acha não sei o quê por ter estudado, porque escreve livros, porque vai se casar com um

professor, mas, minha querida, você veio desta barriga e é feita desta substância, por isso não banque a superior e nunca se esqueça de que, se você é inteligente, eu que a carreguei aqui dentro sou tão inteligente quanto ou mais que você, tanto que, se tivesse tido as mesmas oportunidades, faria as mesmas coisas que você, entendeu? Então, embalada na onda daquela fúria, primeiro me jogou na cara que, por culpa minha — que fui embora pensando somente em mim —, meus irmãos iam muito mal na escola; depois me pediu dinheiro, ou melhor, exigiu, disse que precisava dele para comprar um vestido decente para Elisa e para arrumar um pouco a casa, já que eu a forçara a receber meu noivo.

Minimizei os problemas escolares de meus irmãos. Mas lhe dei o dinheiro imediatamente, mesmo não sendo verdade que eram para a casa, ela sempre me pedia, qualquer desculpa era boa. Ainda não conseguira aceitar, embora não o dissesse explicitamente, o fato de eu ter dinheiro depositado nos Correios, de não o entregar a ela como sempre fizera, desde quando levava as filhas da dona da papelaria para a praia ou trabalhava na livraria de Mezzocannone. Talvez, pensei, ao se comportar como se meu dinheiro lhe pertencesse, quisesse me convencer de que eu mesma pertencia a ela e, mesmo me casando, pertenceria para sempre.

Fiquei calma, comuniquei a ela que, como uma espécie de indenização, instalaria um telefone em casa e compraria uma TV a prestações. Ela me olhou titubeante, com uma repentina admiração que contrastava com o que me dissera pouco antes.

“Televisão e telefone, nesta casa aqui?”

“Claro.”

“E você vai pagar?”

“Vou.”

“Sempre? Mesmo depois de casada?”

“Sim.”

“O professor sabe que não há um centavo para o seu dote nem para a festa?”

“Sabe, e não vamos fazer nenhuma festa.”

Mudou de novo de humor, os olhos voltaram a ficar

vermelhos.

“Como? Nenhuma festa? Diga para ele pagar.”

“Não, podemos passar sem isso.”

Minha mãe tornou a virar uma fera, me provocou de todas as maneiras, queria que lhe respondesse para se enfurecer mais ainda.

“Lembra o casamento de Lina, lembra a festa que ela fez?”

“Lembro.”

“E você, que está bem melhor que ela, não quer fazer nada?”

“Não.”

Continuamos assim até que eu decidi que, em vez de absorver sua raiva, melhor seria devolver na mesma moeda:

“Não só”, falei, “não faremos festa, mas nem sequer vamos nos casar na igreja: me caso na prefeitura.”

Nessa altura foi como se portas e janelas tivessem sido escancaradas por um forte vento. Embora de religiosidade escassíssima, minha mãe perdeu todo o controle e começou a estrilar, a cara vermelha, insultos terríveis, avançando com o corpo. Gritou que o matrimônio não valia nada se o padre não dissesse que era válido. Gritou que, se eu não me casasse diante de Deus, nunca seria uma esposa, mas uma puta, e quase voou — apesar da perna machucada — para acordar meu pai, meus irmãos, e comunicar a eles o que ela sempre temera, ou seja, que o excesso de estudos tinha destruído meu cérebro, que eu tive toda a sorte do mundo, mas deixava que me tratassem como uma cadela, que ela não poderia mais sair de casa pela vergonha de ter uma filha sem Deus.

Meu pai, atordoado, de cueca, e meus irmãos tentaram entender qual o novo abacaxi que precisariam descascar por culpa minha e, enquanto isso, tentaram inutilmente acalmá-la. Ela berrava que queria me expulsar de casa imediatamente, antes que a expusesse àquela vergonha de também ela, *também ela*, ter uma filha concubina como Lila e Ada. E, embora não fizesse nada para me estapear de verdade, golpeava o ar como se eu fosse uma sombra e ela tivesse capturado minha figura real, em quem estava dando pancadas ferozes. Foi preciso um certo tempo até que ela se

acalmasse, o que ocorreu graças a Elisa. Minha irmã perguntou com cuidado:

“Mas é você quem quer se casar na prefeitura ou seu noivo?”

Então expliquei a ela, mas como se esclarecesse a questão para todos, que para mim a Igreja há muito tempo não significava mais nada, e que portanto me casar na prefeitura ou no altar dava na mesma; mas que para meu noivo era importantíssimo se casar apenas no civil, ele sabia tudo de questões religiosas e acreditava que a religião, aliás coisa muito digna, se arruinava justamente quando metia o bedelho em assuntos do Estado. Enfim, se não nos casarmos só na prefeitura — concluí —, ele não se casará comigo.

Naquele instante meu pai, que logo se alinhara com minha mãe, parou de repente de lhe fazer eco nos insultos e lamúrias.

“Não se casa?”

“Não.”

“E faz o quê? Rompe com você?”

“Vamos viver juntos em Florença, sem nos casar.”

Minha mãe considerou aquela hipótese a mais insuportável. Perdeu completamente as estribeiras, prometeu que nesse caso pegaria uma faca e me degolaria. Já meu pai esfregou nervosamente os cabelos e disse a ela:

“Cale um pouco essa boca, não me encha o saco e vamos raciocinar. Sabemos perfeitamente que é possível se casar diante do padre, fazer uma festa de luxo e depois tudo acabar muito mal.”

Também ele estava aludindo claramente a Lila, que era o escândalo sempre vivo do bairro, e minha mãe finalmente compreendeu. O padre não era uma garantia, nada era uma garantia do mundo horrível em que vivíamos. Por isso parou de gritar e deixou a meu pai a tarefa de examinar a situação e, no caso, se dar por vencida. Mas não parou de andar pra lá e pra cá, mancando, sacudindo a cabeça, resmungando ofensas contra meu futuro marido. O professor era o quê? Comunista? Comunista e professor? Professor dessa merda, gritou. Que professor é esse que pensa assim? Quem pensa assim é *'nu strunz*, um idiota. Não,

rebateu meu pai, *strunz* coisa nenhuma, é alguém que estudou e sabe melhor que todo mundo quantas nojeiras os padres fazem, é por isso que quer dizer sim somente na prefeitura. Tudo bem, você tem razão, muitos comunistas agem assim. Tudo bem, você tem razão, desse jeito vai parecer que nossa filha não está casada. Mas eu daria um voto de confiança a esse professor da universidade: ele gosta dela, não posso acreditar que vai pôr Lenuccia na condição de parecer uma vagabunda. De todo modo, se não quisermos confiar nele — mas eu confio, apesar de ainda não o conhecer: é uma pessoa importante, as meninas daqui sonham com um partido assim —, vamos confiar pelo menos na prefeitura. Trabalho lá, na prefeitura, e posso lhe garantir que o casamento ali dentro vale tanto quanto o da igreja, talvez até mais.

Prosseguiu por horas. A certa altura meus irmãos desabaram de sono e foram dormir. Eu fiquei para acalmar meus pais e convencê-los a aceitar uma coisa que, para mim, naquele momento, era um forte sinal de minha entrada no mundo de Pietro. Além disso, daquele modo eu me sentia pelo menos uma vez mais ousada que Lila. E, se reencontrasse Nino, gostaria sobretudo de poder falar com subentendidos: está vendo aonde me levou aquela discussão com o professor de religião?, toda escolha tem sua história, muitos momentos de nossa vida estão espremidos num canto só esperando uma brecha, e no final essa brecha aparece. Mas eu estaria exagerando, na verdade tudo era mais simples. Há pelo menos dez anos o Deus da infância, já bastante frágil, se metera em um cantinho como um velho enfermo, e eu já não sentia nenhuma necessidade da santidade do matrimônio. O essencial era ir embora de Nápoles.

É claro que o horror que minha família experimentava só de pensar em uma união apenas civil não se extinguiu naquela noite, mas se atenuou. No dia seguinte minha mãe me tratou como se todas as coisas que tocava — a máquina de café, a xícara de leite, o açucareiro, o cesto de pão fresco — estivessem ali somente para induzi-la à tentação de arremessá-las em minha cara. Entretanto não voltou a gritar. Quanto a mim, resolvi ignorá-la, saí de manhã cedo e fui providenciar o necessário para a instalação do telefone. Terminada aquela tarefa, passei por Port'Alba e circulei pelas livrarias. Estava determinada a, em pouco tempo, ser capaz de me exprimir sem timidez todas as vezes que se apresentassem situações como aquela de Milão. Selecionei revistas e livros meio no faro, gastei bastante dinheiro. Depois de muitas incertezas, sugestionada por aquela frase de Nino que frequentemente me vinha à lembrança, terminei comprando os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* — não sabia quase nada de Freud, e o pouco que sabia não me animava —, além de dois livrinhos dedicados ao sexo. Pretendia fazer o mesmo que tinha feito no passado quanto às matérias escolares, às provas, à tese, o mesmo que tinha feito com os jornais que Galiani me dava ou com os textos marxistas que Franco me indicara anos atrás. Queria *estudar* o mundo contemporâneo. Difícil dizer o que eu já havia assimilado naquela época. Houvera as discussões com Pasquale e também com Nino. Houvera um pouco de atenção a Cuba e à América Latina. Houvera a miséria irremediável do bairro, a batalha perdida de Lila. Houvera a escola, que tinha rejeitado meus irmãos só porque foram menos teimosos, menos dedicados que eu ao sacrifício. Houvera as longas conversas com Franco e outras, ocasionais, com Mariarosa, agora confundidas num único rastro de vapor (*o mundo é profundamente injusto e é preciso transformá-lo, mas tanto a coexistência pacífica entre o imperialismo americano e as burocracias stalinistas quanto as políticas reformistas dos partidos operários europeus, e especialmente italianos,*

visam a manter o proletariado numa perspectiva subalterna, que joga água na fogueira da revolução, com a consequência de que, se o cerco mundial prevalecer, se a socialdemocracia vencer, o capital vai triunfar durante séculos e a classe operária se tornará gado coagido ao consumo). Esses estímulos certamente agiram e se moveram em mim havia muito, e de vez em quando me emocionavam. Mas acho que o que me impeliu para aquela busca de atualização em marcha forçada foi, pelo menos de início, a velha urgência de me sair bem. Há tempos estava convencida de que nos educamos para tudo, até para a paixão política.

Enquanto estava pagando, avistei meu romance numa prateleira e imediatamente desviei o olhar. Toda vez que via o volume em alguma vitrine, entre outros romances recém-lançados, sentia uma mistura de orgulho e de medo, um impulso de prazer que terminava em angústia. É verdade, a narrativa tinha nascido por acaso, em vinte dias, sem compromisso, como um sedativo contra a depressão. De resto, eu bem sabia o que era a grande literatura, tinha trabalhado muito com os clássicos e, enquanto escrevia, nunca me ocorreu que estivesse fazendo algo de valor. Mas o esforço de encontrar uma forma me envolvera. E o envolvimento se tornara *aquela* livro, um objeto que me continha. Agora *eu* estava ali, *exposta*, e olhar para mim me dava golpes violentos no peito. Sentia que não só em meu livro, mas nos romances em geral, havia alguma coisa que realmente me agitava, um coração nu e palpitante, o mesmo que me saltara do peito naquele instante longínquo em que Lila me propusera escrevermos uma história juntas. Coubera a mim fazê-lo a sério. Mas era isso mesmo o que eu queria? Escrever, escrever não por acaso, escrever melhor do que eu já tinha feito? E estudar os relatos do passado e do presente para entender como funcionavam e aprender, aprender tudo sobre o mundo com a única finalidade de construir corações cheios de vida, que ninguém jamais conceberia melhor do que eu, nem mesmo Lila, se tivesse tido a oportunidade?

Saí da livraria e parei na piazza Cavour. O dia estava bonito, a via Foria parecia insolitamente limpa e sólida, malgrado as estacas que escoravam a Galeria. Impus a mim mesma a disciplina de

sempre. Peguei um caderno que tinha comprado recentemente, queria começar a fazer como os escritores de verdade, registrar pensamentos, observações, informações úteis. Li de cabo a rabo o *Unità*, anotei as coisas que não sabia. Encontrei na *Ponte* o artigo do pai de Pietro, passei os olhos nele com curiosidade, mas não me pareceu tão importante como Nino tinha afirmado, ao contrário, me causou uma impressão desagradável por pelo menos dois motivos: primeiro, Guido Airola usava de modo ainda mais rígido a mesma língua professoral do homem de óculos grossos; segundo, numa passagem em que falava de alunas (“é uma multidão nova”, escreveu, “e são evidentemente de condição humilde, mocinhas em vestes modestas e de modesta educação, que evidentemente almejam pelo enorme esforço dos estudos alcançar um futuro que ultrapasse o ritualismo doméstico”), tive a impressão de que havia ali uma referência a mim, consciente ou não. Também anotei aquilo em meu caderno (*o que eu sou para os Airola? A flor na lapela em sua largueza de visão?*) e, não propriamente de bom humor, aliás, um tanto aborrecida, passei a folhear o *Corriere della Sera*.

Lembro que o ar estava morno, ficou impressa em mim — inventada ou verdadeira — uma memória olfativa, uma mistura de papel impresso e pizza frita. Página a página, olhei os títulos, até que perdi o fôlego. Havia uma foto minha encaixada entre quatro colunas cerradas de chumbo. Ao fundo se via um trecho do bairro, o túnel. O título dizia: *Memórias picantes de uma garota ambiciosa. O romance de estreia de Elena Greco*. Vinha assinado pelo homem de óculos pesados.

Enquanto eu lia, fiquei coberta de suor frio e tive a sensação de desmaiar. Meu livro era tratado como uma ocasião para reiterar que, na última década, em todos os setores da vida produtiva, social e cultural, das fábricas aos escritórios, à universidade, à editoria, ao cinema, todo um mundo tinha desmoronado sob a pressão de uma juventude estragada e sem valores. Aqui e ali se citavam frases minhas entre aspas para demonstrar que, de minha geração mal crescida, eu era um expoente adequado. Ao final eu era definida como “uma mocinha empenhada em esconder a própria falta de talento com páginas picantes de banalidades medíocres”.

Desandei a chorar. Era a coisa mais dura que eu tinha lido desde que o livro saíra, e não em um diário de pequena tiragem, mas no jornal mais lido na Itália. Pareceu-me especialmente intolerável a imagem de meu rosto sorridente em meio a um texto tão ofensivo. Voltei para casa a pé, não antes de ter me livrado do *Corriere*. Temia que minha mãe lesse a resenha e a usasse contra mim. Imaginei que iria querer colocar também aquela em seu álbum para me mostrar toda vez que a incomodasse.

Encontrei a mesa posta só para mim. Meu pai estava no trabalho, minha mãe tinha ido pedir não sei o quê a uma vizinha de casa, e meus irmãos já tinham comido. Mastiguei massa com batata relendo aqui e ali umas linhas do meu livro. Pensava com desespero: talvez de fato não valha nada, talvez tenha sido publicado só para fazer um favor a Adele. Como eu tinha podido conceber frases tão insossas e considerações tão banais? E que desleixo, quantas vírgulas inúteis, nunca mais vou escrever. Estava deprimida entre o desgosto do almoço e o desgosto do livro quando Elisa apareceu com uma folhinha de papel. Foi a senhora Spagnuolo quem lhe deu — a cujo número de telefone, se eu tivesse necessidades urgentes, podia recorrer. O recado dizia que eu tinha recebido três telefonemas. Um de Gina Medotti, que

cuidava da assessoria de imprensa da editora, um de Adele e um de Pietro.

Os três nomes, escritos com a letra vacilante da senhora Spagnuolo, tiveram o efeito de dar concretude a um pensamento que até um segundo antes ficara submerso. As palavras maldosas do homem de óculos pesados estavam se difundindo rapidamente, e ao longo do dia chegariam a todos os lugares. Já tinham sido lidas por Pietro, pela família dele, pelos diretores da editora. Talvez tivessem chegado até Nino. Talvez estivessem sob os olhos de meus professores de Pisa. Certamente tinham merecido a atenção de Galiani e de seus filhos. E quem sabe até Lila teria lido aquilo. De novo comecei a chorar, assustando Elisa.

“O que foi, Lenu?”

“Não estou me sentindo bem.”

“Posso lhe fazer um chá de camomila?”

“Pode.”

Mas não deu tempo. Bateram à porta, era Rosa Spagnuolo. Alegre, um pouco agitada por ter subido as escadas correndo, disse que meu noivo estava de novo ao telefone, que bela voz, que lindo sotaque do Norte. Corri para atender, me desculpando mil vezes pelo incômodo. Pietro tentou me consolar, disse que a mãe recomendava que eu não me abalasse, o essencial era que falassem do livro. Mas eu, para surpresa da senhora Spagnuolo, que me conhecia como uma pessoa dócil, quase gritei: e o que me importa que falem se estão dizendo coisas horríveis. Ele mais uma vez me recomendou calma e acrescentou: amanhã vai sair um artigo no *Unità*. Encerrei a ligação com frieza e disse: seria melhor que ninguém mais tratasse de mim.

À noite não consegui dormir. De manhã não consegui me conter e fui correndo buscar o *Unità*. Folhiei depressa o jornal, ainda na frente da banca, a um passo da escola fundamental. Deparei-me de novo com minha foto, a mesma do *Corriere*, dessa vez não no centro do artigo, mas no alto, ao lado do título *Jovens rebeldes e velhos reacionários. A propósito do livro de Elena Greco*. Nunca tinha ouvido falar do nome de quem assinava o artigo, mas com

certeza escrevia bem, e suas palavras agiram como um bálsamo. Elogiava meu romance sem meios-termos e destratava o prestigioso professor de óculos pesados. Voltei para casa fortalecida, talvez até de bom humor. Folheei meu livro e dessa vez me pareceu bem orquestrado, escrito com inteligência. Minha mãe disse maldosa: ganhou o terno da loto? Deixei o jornal sobre a mesa da cozinha sem lhe dizer nada.

No fim da tarde Spagnuolo reapareceu, havia um novo telefonema para mim. Diante de meu embaraço, de minhas desculpas, ela se disse felicíssima em poder ser útil a uma garota como eu e me fez muitos elogios. Gigliola não teve sorte, suspirou pelas escadas, o pai a obrigou a trabalhar na confeitaria dos Solara quando ainda tinha treze anos, e ainda bem que ficou noiva de Michele, se não, teria de suar a vida inteira. Abriu a porta de casa, me acompanhou pelo corredor até o telefone fixado na parede. Notei que tinha posto uma cadeira justamente para que eu ficasse mais confortável: quanta deferência por quem tinha estudado, estudar era considerado o truque dos rapazes mais espertos para se furtar ao trabalho duro. Como posso explicar a essa mulher — pensei — que desde os seis anos de idade sou escrava de letras e números, que meu humor depende do êxito de suas combinações, que essa alegria de ter feito bem é rara, instável, que dura uma hora, uma tarde, uma noite?

“Você leu?”, me perguntou Adele.

“Li.”

“Está contente?”

“Estou.”

“Então vou lhe dar outra notícia boa: o livro está começando a vender, se continuar assim, vamos reimprimi-lo.”

“O que significa isso?”

“Significa que nosso amigo do *Corriere* acreditou que estava destruindo você e, ao contrário, trabalhou para nós. Tchau, Elena, aproveite o sucesso.”

O livro vendia de verdade, pude comprová-lo já no dia seguinte. O sinal mais vistoso foi a sequência de telefonemas de Gina, que ora me indicava uma nota saída em tal jornal, ora me anunciava algum convite de livrarias e círculos culturais, sem nunca deixar de se despedir com a frase afetuosa: o livro está indo depressa, doutora Greco, parabéns. Obrigada, eu dizia, mas não estava contente. Os artigos na imprensa me pareciam superficiais, se limitavam a aplicar o esquema entusiástico do *Unità* ou o destrutivo do *Corriere*. E, embora Gina me repetisse a cada ocasião que mesmo os julgamentos negativos ajudavam o livro a circular, de todo modo aqueles julgamentos me faziam mal, e eu esperava ansiosa uma penca de argumentos favoráveis para contrabalançar os desfavoráveis e me sentir melhor. Seja como for, parei de esconder de minha mãe as resenhas maldosas, entreguei-lhe todas, as boas e as ruins. Ela tentava ler soletrando com ar severo, mas jamais conseguia passar das quatro ou cinco primeiras linhas e, ou achava logo um motivo para esbravejar, ou se refugiava por tédio na mania do colecionismo. Pretendia preencher um álbum inteiro e se lamentava quando não tinha nada para lhe dar, temendo ficar com folhas vazias.

A resenha que naquela época mais me feriu apareceu no *Roma*. Decalcava parte por parte aquela do *Corriere*, mas num estilo florido que, no final, burilava obsessivamente um único conceito, o seguinte: as mulheres estão perdendo todos os freios, basta ler o romance obsceno de Elena Greco para perceber isso, é um subproduto do já decadente *Bonjour tristesse*. Mas o que me fez mal não foi o conteúdo, e sim a autoria. O artigo era assinado pelo pai de Nino, Donato Sarratore. Pensei em quanto me impressionara, desde menina, que aquele homem fosse autor de um livro de poesias; pensei no halo glorioso em que o encerrara quando descobri que escrevia nos jornais. Por que aquela resenha? Tinha querido se vingar porque se reconhecera no repugnante pai de

família que assediava a protagonista? Fiquei tentada a ligar para ele e gritar em dialeto os insultos mais insuportáveis. Só renunciei a isso porque me lembrei de Nino e tive a impressão de fazer uma descoberta importante: a experiência dele e a minha se assemelhavam. Ambos tínhamos recusado nos modelar a partir de nossas famílias: eu desde sempre estive empenhada em me distanciar de minha mãe, ele havia destruído definitivamente as pontes com o pai. Essa afinidade me consolou, e pouco a pouco a raiva parou de ferver.

Mas não tinha levado em conta que, no bairro, o *Roma* era o mais lido dos jornais. Percebi isso já no fim da tarde. Gino, o filho do farmacêutico, que se tornara um jovem cheio de músculos com o levantamento de pesos, apareceu na soleira da loja do pai justamente quando eu passava por ali, vestindo um avental branco de doutor apesar de ainda não ter se formado. Me chamou agitando o jornal e disse com um tom bastante sério, já que recentemente fizera uma modesta carreira dentro da seção do MSI, o Movimento Social Italiano ligado ao fascismo: viu o que estão escrevendo sobre você? Para não lhe dar satisfações, respondi: escrevem de tudo, e segui adiante com um gesto de despedida. Ele se atrapalhou, murmurou alguma coisa, depois escandiu com evidente malícia: preciso ler esse seu livro, pelo visto é *muito* interessante.

Foi só o início. No dia seguinte, quem se aproximou de mim na rua foi Michele Solara, que insistiu em me oferecer um café. Fomos ao bar dele e, enquanto Gigliola nos servia sem dizer uma palavra, aliás, visivelmente irritada com minha presença e talvez até com a do noivo, Michele começou: Lenu, Gino me mostrou um artigo onde se diz que você escreveu um livro proibido para menores de dezoito anos. Mas veja só, quem podia imaginar uma coisa dessas. Foi *isso* que você estudou em Pisa? Foi *isso* que lhe ensinaram na universidade? Não posso acreditar. A meu ver, você e Lina fizeram um acordo secreto: ela faz as coisas erradas e você as escreve. É isso? Me diga a verdade. Fiquei vermelha, não esperei o café, me despedi de Gigliola e fui embora. Ele gritou atrás de

mim, debochado: o que foi, se ofendeu, venha cá, eu estava brincando.

Logo em seguida aconteceu um encontro com Carmen Peluso. Minha mãe me obrigara a ir à charcutaria nova dos Carracci porque lá o azeite custava menos. Era de tarde, não havia clientes, Carmen me fez muitos elogios. Como você está bem, disse, é uma honra ser sua amiga, a única sorte que eu tive em toda minha vida. Depois me falou que tinha lido o artigo de Sarratore, mas só porque um fornecedor esquecera o *Roma* na loja. Definiu a resenha uma canalhice, e sua indignação me pareceu autêntica. Já o irmão dela, Pasquale, lhe passara o artigo do *Unità*, muito, muito bom, e trazia uma bela foto. Você é toda bonita, disse, em tudo o que faz. Tinha sabido por minha mãe que em breve eu me casaria com um professor universitário e que ia morar em Florença numa casa de madame. Ela também ia se casar, com o frentista do estradão, mas não sabia quando, estavam sem dinheiro. Então, sem interromper sua fala, começou a se queixar de Ada. Desde que Ada tinha assumido o posto de Lila ao lado de Stefano, tudo ia de mal a pior. Dava uma de dona das charcutarias e implicava com ela, acusando-a de roubar e tratando-a com rédea curta, sempre sob vigilância. Por isso não aguentava mais, queria pedir demissão e ir trabalhar na bomba de gasolina do futuro marido.

Fiquei ouvindo com atenção e me lembrei de quando Antonio e eu queríamos nos casar e também ganhar a vida com um posto de gasolina. Conteí isso a ela para animá-la, mas ela resmungou fechando a cara: sim, claro, imagine, você numa bomba de gasolina, sorte sua que escapou desta miséria. Depois murmurou frases obscuras: é injustiça demais, Lenu, demais, é preciso acabar com isso, ninguém aguenta mais. E, enquanto ainda falava, tirou meu livro de uma gaveta, com a capa toda deformada e suja. Era o primeiro exemplar que eu via nas mãos de alguém do bairro, e notei como as primeiras páginas estavam estufadas e escuras, como eram compactas e cândidas as outras. Leio um pouco toda noite, me disse, ou quando não há clientes. Mas ainda estou na página 32, tenho muito pouco tempo, preciso fazer tudo

aqui dentro, os Carracci me mantêm trancada das seis da manhã às nove da noite. Então me perguntou de repente, maliciosa: falta muito para chegar às páginas ousadas? Quanto ainda preciso ler?

As páginas ousadas.

Passou pouco e topei com Ada carregando Maria no colo, a filha que tivera com Stefano. Depois do que Carmen falou, me esforcei para ser cordial. Elogiei a menina, disse que tinha um belo vestidinho e brincos lindos. Mas Ada foi ríspida. Me falou de Antonio, disse que se escreviam, que não era verdade que ele tinha se casado e tinha filhos, disse que tinham fritado o cérebro dele e a capacidade de querer bem. Depois passou a meu livro. Não o tinha lido, esclareceu, mas ouviu dizer que não era um livro para se ter em casa. E quase se enfureceu: vai que a menina cresce e o encontra, o que eu vou fazer? Lamento, não posso comprá-lo. Mas, acrescentou, estou contente por você estar ganhando dinheiro, parabéns.

Esses episódios, um após o outro, me fizeram suspeitar de que o livro estivesse vendendo porque tanto as críticas positivas quanto as negativas assinalavam a presença de páginas escabrosas. Cheguei até a pensar que Nino tivesse feito referência à sexualidade de Lila só porque acreditara que, com alguém que escrevia daquele jeito, fosse possível entrar naqueles assuntos sem problema. E por esse caminho me voltou o desejo de reencontrar minha amiga. Quem sabe — disse a mim mesma — se Lila foi atrás do livro assim como Carmen? Imaginei-a de noite, depois da fábrica — Enzo sozinho em um quarto, ela com o menino ao lado em outro —, exausta e mesmo assim atenta a ler meu livro, a boca semicerrada, o cenho franzido como fazia quando se concentrava. Como o avaliaria? Ela também reduziria o romance às *páginas ousadas*? Mas talvez não estivesse lendo nada, duvidava que tivesse dinheiro para comprar um exemplar, eu precisaria levar uma cópia de presente para ela. A princípio me pareceu uma boa ideia, depois deixei pra lá. Continuava dando mais importância a Lila do que a qualquer outra pessoa, mas não tive coragem de me decidir a procurá-la. Não tinha tempo, precisava estudar e aprender muitas coisas depressa. Além disso, o desfecho de nosso último encontro — ela com o avental sobre o capote, no pátio da fábrica, em frente à fogueira onde as folhas da *Fada azul* queimavam — tinha sido um adeus definitivo aos resíduos da infância, a confirmação de que nossos percursos agora divergiam, talvez ela me dissesse: não tenho tempo de ler seu livro, não vê a vida que levo? E segui em frente pelo meu caminho.

Enquanto isso, sabe-se lá por que motivo, o livro ia indo de vento em popa. Uma vez Adele me ligou e, com sua mistura habitual de ironia e afeto, me disse: se continuar assim, vai ficar rica em pouco tempo e sem saber o que fazer com o pobre Pietro. Depois passou a ligação a ninguém menos que seu marido. Guido — disse — quer falar com você. Fiquei agitada, minhas conversas

com o professor Airola tinham sido pouquíssimas e eu me sentia constrangida. Mas o pai de Pietro foi muito cordial, cumprimentou-me pelo meu sucesso, ironizou as manifestações de pudor por parte de meus detratores, falou sobre a longuíssima Idade Média italiana, elogiou-me pela contribuição que eu estava dando à modernização do país e assim por diante. Não falou nada de específico sobre o romance, certamente não o tinha lido, era um homem muito ocupado. De todo modo foi bom receber dele um sinal de estima e de concordância.

Mariarosa não se mostrou menos afetuosa, e também me fez elogios. De início pareceu na iminência de comentar longamente meu livro, depois mudou de assunto de modo acalorado, e disse que queria me convidar para a Estatal de Milão: achava importante que eu também participasse do que definiu como *a marcha irrefreável dos acontecimentos*. Venha amanhã mesmo, me disse, viu o que está acontecendo na França? Eu sabia de tudo, vivia grudada a um velho radinho azul de pilha, todo manchado de gordura, que minha mãe deixava na cozinha, e respondi sim, é magnífico, Nanterre, as barricadas no Quartier Latin. Mas ela me pareceu bem mais informada, bem mais envolvida. Planejava ir a Paris com outros companheiros, me convidou a ir com ela de carro. Fiquei tentada a viajar. Respondi tudo bem, vou pensar. Ir até Milão, atravessar a França, chegar a Paris em revolta, enfrentar a brutalidade da polícia, atirar-me com minha experiência pessoal no magma mais incandescente daqueles meses, dar seguimento àquela viagem para fora da Itália que eu tinha feito anos antes com Franco. Como seria bom pegar a estrada com Mariarosa, a única jovem independente que eu conhecia, tão moderna, totalmente engajada nos acontecimentos do mundo, senhora do discurso político quase como os homens. Eu a admirava, não havia jovens que alcançassem a fama com aquele jeito de lançar tudo pelos ares. Os jovens heróis que ousavam enfrentar, correndo risco e perigo, a violência da reação se chamavam Rudi Dutschke, Daniel Cohn-Bendit e, como nos filmes de guerra, em que só havia homens, era difícil nos reconhecer neles, podíamos apenas admirá-los, ajustar

nossas ideias a seus pensamentos, sofrer pela sorte deles. Ocorreu-me que, entre os companheiros de Mariarosa, quem sabe também estivesse Nino. Eles se conheciam, era provável. Ah, encontrá-lo, ser arrastada por aquela aventura, expor-me aos perigos ao lado dele. O dia passou assim. A cozinha agora estava silenciosa, meus pais dormiam, meus irmãos ainda vagabundeavam pelas ruas, Elisa se lavava trancada no banheiro. Partir, amanhã de manhã.

Parti, mas não para Paris. Após as eleições daquele ano turbulento, Gina marcou para mim uma série de viagens para promover o livro. Comecei por Florença. Tinha sido convidada à escola de magistério por uma professora amiga de um amigo dos Airola, e acabei em um daqueles cursos abertos bastante difundidos nas universidades em agitação, falando para uns trinta alunos e alunas. O que imediatamente me espantou é que muitas das jovens eram até piores do que as descritas por meu sogro na revista *Ponte*: malvestidas, mal maquiadas, confusas na exposição demasiado emocional, indignadas com os exames, com os professores. Incentivada pela professora, me pronunciei sobre as manifestações estudantis com evidente entusiasmo, especialmente sobre aquelas em curso na França. Exibi o que eu estava aprendendo, fiquei satisfeita comigo. Senti que me expressava com convicção e clareza, que principalmente as garotas admiravam a maneira como eu falava, as coisas que eu sabia, o modo como tangenciava habilmente os complicados problemas do mundo, organizando-os em um quadro coerente. Mas logo me dei conta de que tendia a evitar qualquer menção ao livro. Falar sobre ele me causava incômodo, temia reações como as do bairro, preferia resumir com minhas palavras certas ideias dos *Quaderni piacentini* ou da *Monthly Review*. Por outro lado, tinha sido convidada para aquilo, e alguns já pediam a palavra. As primeiras perguntas foram todas sobre os esforços da personagem feminina para escapar do ambiente em que nascera. Somente mais para o final uma garota, que recordo muito alta e magérrima, me pediu que explicasse — cortando as frases com risinhos nervosos — por que eu considerara necessário escrever, dentro de uma história toda suavidades, um *trecho escabroso*.

Fiquei confusa, talvez até vermelha, alinhabei motivações sociológicas. Só no fim falei da necessidade de narrar com franqueza qualquer experiência humana, até mesmo — sublinhei — o que parece impronunciável e por isso mesmo calamos a nós

mesmas. Essas últimas palavras agradaram, voltei a respirar. A professora que me convidara fez um elogio, disse que refletiria sobre aquilo, que escreveria para mim.

Sua aprovação estabilizou em minha cabeça aqueles poucos conceitos que logo se transformaram numa espécie de refrão. Usei-os frequentemente em público, ora de maneira divertida, ora com um tom dramático, ora sinteticamente, ora desenvolvendo-os com elaborados torneios verbais. Me senti especialmente à vontade certa noite, em uma livraria de Turim, diante de um público bastante numeroso, que abordei com crescente desenvoltura. Começava a me parecer natural que alguém me interrogasse com simpatia ou de modo provocador sobre o episódio de sexo na praia, tanto mais que minha resposta pronta, reelaborada de maneira cada vez mais agradável, obtinha algum sucesso.

A pedido da editora, quem me acompanhou a Turim foi Tarratano, o velho amigo de Adele. Declarou-se orgulhoso de ter sido o primeiro a intuir as potencialidades de meu romance e me apresentou ao público com as mesmas fórmulas entusiásticas que usara tempos atrás em Milão. Ao final da noite, se congratulou comigo pelos grandes progressos que eu tinha feito em pouco tempo. Depois me perguntou com seu habitual tom afável: por que você aceita tão de bom grado que suas páginas eróticas sejam definidas como escabrosas, por que você mesma as define assim em público? E me explicou que eu não devia fazê-lo: primeiro, porque meu romance não se esgotava no episódio da praia, havia outros mais interessantes e melhores; segundo, se aqui e ali ele soava com certa audácia, isso ocorria sobretudo porque tinha sido escrito por uma garota; a obscenidade, concluiu, não é estranha à boa literatura e à verdadeira arte da narrativa, e, ainda que ultrapasse o limite da decência, não é nunca escabrosa.

Fiquei desnorteada. Aquele homem cultíssimo estava me explicando com tato que os pecados de meu livro eram veniais, e que eu me equivocava ao falar sempre sobre eles como se fossem mortais. Ou seja, eu exagerava. Submetia-me à miopia do público, a sua superficialidade. Disse a mim mesma: chega, devo ser menos

subalterna, preciso aprender a discordar de meus leitores, não devo descer ao nível deles. E decidi que na primeira ocasião seria mais dura com quem tirasse aquelas páginas da cartola.

Durante o jantar, no restaurante do hotel que a assessoria de imprensa reservara para nós, meio embaraçada e meio divertida, escutei Tarratano citando — como a provar que eu era uma escritora substancialmente casta — Henry Miller, ou me explicando — e chamando de querida menina — que muitas escritoras talentosíssimas dos anos 1920 e 1930 sabiam e escreviam sobre sexo de uma maneira que eu, no momento, nem sequer imaginava. Anotei seus nomes em meu caderninho, mas enquanto isso comecei a pensar: este homem, apesar dos elogios, não me tem em grande conta; aos olhos dele eu sou uma garotinha a quem coube um sucesso imerecido; até as páginas que mais atraem os leitores, ele não as considera relevantes: podem escandalizar os ingênuos ou ignorantes, mas não gente como ele.

Disse que eu estava um pouco cansada e ajudei meu comensal, que bebera bastante, a se levantar. Era um homem pequeno, mas com uma proeminente barriga de gourmet. Tufos de cabelos brancos despontavam das orelhas grandes, tinha um rosto todo vermelho, vazado por uma boca estreita, um grande nariz e olhos vivacíssimos; fumava muito, os dedos eram amarelados. No elevador, tentou me abraçar e me beijar. Embora eu me esquivasse, foi difícil afastá-lo de mim, ele não desistia. Ficaram gravados em minha memória o contato com sua barriga, o hálito de vinho. Na época nunca me ocorreria que um homem de idade, tão educado, tão culto, aquele homem tão amigo de minha futura sogra, pudesse comportar-se de modo indecoroso. Uma vez no corredor, apressou-se em me pedir desculpas, atribuiu a culpa ao vinho e trancou-se depressa em seu quarto.